

RESENHA

NOGUEIRA, PAULO AUGUSTO DE SOUZA. *BREVE HISTÓRIA DAS ORIGENS DO CRISTIANISMO* APARECIDA/SP: EDITORA SANTUÁRIO, 2019.

Bárbara Moraes Rogatto¹

Docente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Paulo Augusto de Souza Nogueira obteve doutorado em Teologia pela Universidade de Heidelberg, na Alemanha. Com uma amplitude de publicações no Brasil e no exterior, Nogueira é reconhecido, já há alguns anos, como grande estudioso e referência para o estudo do chamado cristianismo primitivo da Antiguidade. Sua ampla produção acadêmica congrega estudos específicos, voltados ao âmbito acadêmico, mas também livros voltados ao público não especializado no estudo da História e da Teologia, como é o caso do tomo *Breve História do Cristianismo Primitivo*, publicado no ano de 2019.

O livro em questão é dividido em 46 capítulos: em geral, pode-se observar, desde o início, o interesse do autor por definir o que seria o chamado “cristianismo primitivo”. De antemão, o estudioso nos mostra que, inicialmente, as comunidades cristãs, heterogêneas entre si, eram diferentes tanto em suas práticas quanto em suas crenças religiosas. Para além de um suposto

¹ Mestranda em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL/MG). Atua como docente de História na rede pública do estado de São Paulo. E-mail: barbaramoraesrogatto@gmail.com.

denominador comum, que seria Jesus de Nazaré e sua crucificação, pode-se sugerir, diante desse contexto, que a tentativa de constituir uma versão autêntica do cristianismo ocorreria apenas em período posterior, já sob a lavra de Constantino e dos concílios por ele convocados.

Noutros capítulos da obra, Nogueira apresenta um debate sobre a relação entre judeus e cristãos, e argumenta que, inicialmente, não era possível realizar uma separação ou união entre esses grupos, apresentando, portanto, uma relação contraditória, por vezes conflitiva, e que começava pelo próprio fato de Jesus ser judeu. O movimento messianico de Jesus estaria diretamente ligado ao seu batismo realizado por João Batista, onde o mesmo compreende seu propósito e se assume publicamente. Para Nogueira: *“O batismo de Jesus é tão fundamental no “empossamento” profético de Jesus, que ao subir da água, ele viu os céus se abrindo e o Espírito Santo descer sobre ele como uma pomba. E ele teve uma audição:” Tu és o meu filho amado, em ti me comprazo”* (NOGUEIRA, 2020, p.34). A partir desse momento, pode-se reconhecer Jesus como o *“fundador de um movimento profético”* (NOGUEIRA, 2020, p.35), um indivíduo que, por meio de suas viagens, espalharia a palavra, também, àqueles e àquelas que viviam à margem da sociedade: também por isso, a documentação retrata Jesus e seus discípulos, homens e mulheres, na companhia de pessoas simples e socialmente marginalizadas, tais como: prostitutas, pescadores, escravos e trabalhadores. Seu séquito de fiéis e discípulos, segundo o autor, seria composto por pessoas advindas de *grupos destituídos da Galileia*” (NOGUEIRA. 2022. p.39).

Os ensinamentos de Jesus, durante suas viagens, eram variados. Segundo os textos canônicos, seus discursos recorriam a distintas estratégias retóricas, tais como parábolas e metáforas. Não há dúvidas de que os

ensinamentos que ele pregava incomodavam autoridades tanto judaicas quanto romanas. De acordo com Paulo Nogueira, algumas das pregações de Jesus de Nazaré iam no sentido contrário das deliberações exigidas pela religião judaica: *“Ele considerava puros os alimentos, rejeitando certas regras rituais, como lavar a mão antes de comer”* (Mc 07, 1-23). Sua relação, por vezes conflituosa, com o imperativo judeu em respeito ao sábado, do mesmo modo, também é tema frequente nos textos canônicos: veja-se, por exemplo, a parábola da ovelha (Mateus 18:12-14).

Em um período histórico marcado por profundas hierarquias e desigualdades, Jesus, um camponês pobre, pode ter passado um tempo despercebido. Porém, em algum momento, por desafiar as autoridades judaicas e romanas, ele seria punido por seus atos. Sua execução, contudo, teria instaurado uma relação de aliança com seus discípulos: de acordo com Paulo Nogueira, *“O cristianismo nasceu de uma experiência de solidão e desespero”* (NOGUEIRA, 2020, p.58). Mesmo a partir dos textos canônicos, pode-se notar que as discípulas mulheres permaneceram ao lado de Jesus durante toda sua pregação e posterior execução. De acordo com o Evangelho de Lucas (23:27-28): *“E mulheres batiam no peito, e choravam por Jesus. Jesus, porém, voltou-se, e disse: Mulheres de Jerusalém, não chorem por mim: Chorem por vocês mesmas e por seus filhos!”*. Como bem observou Nogueira (2020, p.59), o cristianismo também é uma religião de paradoxos: não deixa de ser notório o fato de que, nos textos canônicos (Mc 16.9-11), quem anuncia a ressurreição de Jesus é Maria Madalena: uma mulher de classe baixa do Império Romano.

Mesmo após sua morte, o modelo de pregação de Jesus continuaria a ser utilizado por seus discípulos que continuaram a pregar através de viagens. Segundo Nogueira (2020, p.70), os chamados apóstolos teriam perambulando

pelas cidades do Mediterrâneo com o intuito de “*convencer os corações a adotar o messias Jesus de Nazaré e formar comunidades de cultos e partilha do pão*”. Nesse sentido, o estudo sobre as comunidades cristãs posteriores a Jesus pode ser realizado por meio de livros como o Atos dos Apóstolos (apesar de seu teor heroico e inspirado nas novelas gregas), mas também as epístolas paulinas (autorais ou não) e textos apócrifos. Sempre, portanto, extrapolando os (igualmente importantes) textos canônicos presentes nas Bíblias cristãs.

Também por oferecer uma perspectiva atualizada sobre a História do Cristianismo, a obra *Breve Histórias das origens do Cristianismos*, como outras publicações do professor Paulo Nogueira, merece ser lida atentamente, por acadêmicos mas também por pessoas de fora da universidade, religiosas ou não, mas igualmente interessadas em uma leitura segura e rigorosa sobre o cristianismo primitivo.